

PEDRO RACHE

# Homens de Ouro Preto

(MEMÓRIAS DE UM ESTUDANTE)

Friedrich Ewald  
Renger

## Saudades de Ouro Preto

Engenheiro, professor, político e empresário, o gaúcho Pedro Demóstenes Rache (1879-1959) deixou entre seus legados um curioso livro de memórias, em que relembra os tempos de estudante numa Ouro Preto ainda impregnada do espírito romântico que presidia a vida universitária de então.

> Pedro Demóstenes Rache era engenheiro, funcionário público, político, empresário e também professor e escritor. Nascido em 10 de julho de 1879, em Jaguarão, Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai, faleceu em 7 de novembro de 1959 em Belo Horizonte. Parece estranho ter um gaúcho frequentado o curso superior em cidade tão distante de sua terra natal. Porém, na época, já eram muitos os estudantes gaúchos em Ouro Preto, que tinham mais de uma república exclusivamente deles. No caso de Pedro, porém, a escolha da cidade mineira ocorreu por um incidente: no Rio de Janeiro, seu destino natural,<sup>1</sup> grassava a febre amarela, que espalhava o terror entre os gaúchos.

Formou-se em Engenharia de Minas e Civil na turma de 1901, e no mesmo ano também em Farmácia. Como melhor estudante da turma de engenheiros, ganhou como prêmio uma viagem para Europa. Segundo Vicente Racioppi, “foi uma das melhores inteligências que têm passado pela Escola de Minas e pela Escola de Farmácia, por ambas se formando no mesmo ano”.<sup>2</sup>

O prêmio da viagem ao exterior era uma tradição introduzida por D. Pedro II em 1881, por ocasião de uma visita a Minas, quando assistiu às provas orais de alunos na Escola de Minas, aplicadas pelo professor Gorceix. O imperador anotou no seu *Diário de Viagem*, em 31 de março de 1881: “Gorceix deu sua lição durante uma hora, fazendo 2 estudantes, Luis [sic], Augusto Barbosa e Paulo reconhecer rochas que estavam sobre a mesa, mostrando ambos, sobretudo Barbosa, muito aptidão; e a 9 de abril (um sábado!): “As provas agradaram-me, sobretudo de Augusto Barbosa da Silva que é o melhor estudante de matemática”.<sup>3</sup> Como prêmio, Barbosa ganhou uma viagem à França, paga da bolsa do imperador. De volta ao Brasil, tornou-se professor e diretor da escola (1919-1927) e pioneiro da indústria siderúrgica em Minas Gerais.

### Antecedentes

Pedro Rache era filho de um comerciante, dono de uma farmácia. O pai, no entanto, não era farmacêutico, por isso seu filho Pedro, estudante de Engenharia em Ouro Preto, resolveu frequentar por um ano a Escola de Farmácia, na mesma cidade, para se graduar farmacêutico. Na última década do século XIX, Ouro Preto oferecia três opções de cursos superiores: a Escola de Minas, a de Farmácia e a Escola Livre de Direito. Rache estudou em Ouro Preto no período áureo da Escola de Minas, criada por um desejo de D. Pedro II, que se empenhou pessoalmente na contratação de professores para o novo estabelecimento, em especial do seu primeiro diretor, o químico e mineralogista francês Claude Henri Gorceix.<sup>4</sup>

Inaugurada em 12 de outubro de 1876, a escola funcionou inicialmente numa casa situada na rua das Mercês (hoje rua Padre Rolim). Essa casa abrigava anteriormente a Escola de Farmácia, criada em 1839 e inaugurada no ano seguinte como a primeira do gênero nas Américas e o primeiro curso superior da província. Na década dos 1890, o cenário acadêmico de Ouro Preto foi completado pela Escola Livre de Direito, fundada em 1892 por Afonso Pena, Levindo Lopes, João Pinheiro e outros, porém de vida curta na cidade, pois foi transferida, com a mudança da capital, em 1897, para Belo Horizonte.

A ideia de uma escola de minas remonta ao final do século XVIII e início dos Oitocentos e foi sugerida por diversos naturalistas, entre eles José Vieira Couto.<sup>5</sup> Também o bispo de Olinda, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, propôs em 1804 escolas de mineralogia nas praças principais das capitanias do Brasil, especialmente nas de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Cuiabá e Mato Grosso.<sup>6</sup> Também o deputado por Minas Gerais Manoel Ferreira da Câmara Bethencourt e Sá, o Intendente Câmara, propôs à Assembleia Constituinte de 1823 a criação de uma escola de Minas e Metalurgia, um projeto já anteriormente por ele incluído no alvará de 1803, que visava a uma completa

reforma do sistema de mineração no Brasil.<sup>7</sup> Por sua vez, o geólogo, mineralogista e metalurgista alemão barão de Eschwege, que trabalhou em Minas de 1811 a 1821, reiterou nas suas publicações a falta de mão de obra qualificada nas minas e na administração da mineração,<sup>8</sup> e até escreveu um livro texto chamado *Instruções para os mineiros e oficiais engenheiros que se houvessem de aplicar à administração das minas*, inédito até hoje.

Em 1830, o deputado Bernardo Pereira de Vasconcelos apresentou um projeto para o ensino de Mineralogia e Metalurgia no Conselho Geral da Província de Minas Gerais, aprovado em 1832. Mas foi somente com a iniciativa de D. Pedro II que o projeto de uma escola de minas no Brasil se concretizava. O imperador convidou pessoalmente o mineralogista francês Auguste Daubrée, diretor da *École des Mines de Paris* e do Museu de História Natural, para dirigir uma instituição congênera no Brasil. Porém este declinou do convite e indicou para a tarefa seu aluno Claude Henri Gorceix, que foi contratado em março de 1874, chegando ao Brasil em julho do mesmo ano.<sup>9</sup> Pela Lei nº. 2670/1875, ficou o governo imperial autorizado a “despender a quantia de 60:000\$000 rs. [sessenta mil contos de réis] com a criação, na Província de Minas Gerais, de uma escola de Minas”.

Nos 15 anos da direção de Gorceix, de 1876 a 1891, a escola conseguiu firmar seu renome entre as melhores instituições de ensino superior do país. Gorceix deixou a escola e o Brasil em 1891, desgostoso pela falta de apoio do imperador. No seu lugar assumiu o professor Archias Eurípedes da Rocha Medrado, um baiano formado em Física e Matemática pela antiga Escola Central do Rio de Janeiro. Medrado foi levado a Ouro Preto pelo próprio Gorceix. Nos anos 1890, os professores trazidos da França também foram substituídos por brasileiros, na sua maioria ex-alunos da própria escola.<sup>10</sup>

Foi essa fama que atraiu estudantes do país inteiro, desde o Nordeste até o Rio Grande do Sul. A colônia



Retrato de Pedro Demóstenes Rache, como catedrático de Geometria e Trigonometria. Extraído do painel fotográfico organizado pelo professor Lourenço Baeta Neves em comemoração ao 34º aniversário de Fundação da Escola Livre de Engenharia (1911). Belo Horizonte, Foto Retes, 1945. Acervo Arquivo Público Mineiro. Fundo Família Augusto da Lima (em processo de organização). Belo Horizonte/MG.

dos gaúchos contava na década de 1890 com mais de duas dúzias de estudantes, que se abrigavam em duas repúblicas, a da Bastilha e do Pilar 27.<sup>11</sup> Outra república de gaúchos, no Campo do Raimundo, abrigava os irmãos Vargas: Protásio, Viriato e Getúlio. Este último chegou a Ouro Preto aos 13 anos, de calças curtas.<sup>12</sup> A viagem desde os pampas gaúchos até Ouro Preto, mais de 2.000 km, era estafante. Na maioria das vezes, os estudantes iam até o Rio de Janeiro de vapor e de lá continuavam a viagem pela Estrada de Ferro Central do Brasil, cujas linhas chegavam a Ouro Preto desde 1895.

## Trajatória

Rache conseguiu seu primeiro emprego em 1907, por indicação de Afonso Pena, então presidente do Brasil, como engenheiro inspetor do Serviço Federal de Povoamento em Santa Catarina. Porém, quando se apresentou para o emprego, no Rio de Janeiro, o cargo já estava ocupado. Mas havia uma vaga interina de seis meses em Minas Gerais. Ele então se apresentou ao presidente do Estado, João Pinheiro, com quem travou um relacionamento amistoso. Em 1911, Rache foi um dos fundadores da Escola Livre de Engenharia de Belo Horizonte, na qual foi professor catedrático de Mecânica Racional e de Geometria. Essa escola, fundada no dia do centenário de nascimento de Cristiano Ottoni, o patriarca da engenharia no Brasil (21 de maio de 1911), em 1927 foi incorporada à então Universidade de Minas Gerais. Hoje é a Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Inicialmente, essa universidade era composta, além da Faculdade de Engenharia, das escolas de Medicina, de Odontologia e de Direito, esta originalmente criada em Ouro Preto em 1892. Em 1929, Pedro Rache foi indicado pelo Conselho Universitário para a Comissão Administrativa das Obras.

Nas décadas de 1920/30, atuou como empresário e industrial em Belo Horizonte, criando diversas empresas: a Construtora Rezende-Rache, a Fundação Rezende-Rache, uma fábrica de sapatos, outra de toalhas e ainda uma lapidação de pedras preciosas.

Na década dos 1930, Pedro Rache entrou na política: foi eleito deputado federal por representação profissional (1934-1937), tornou-se líder da bancada classista, destacando-se sempre como um dos parlamentares mais atuantes. Essa bancada contava com 34 deputados, entre eles Horácio Lafer e Roberto Simonsen. Participou também da Assembleia Constituinte de 1934. Foi ainda fundador e primeiro presidente do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (Confea), instituído por decreto de Getúlio Vargas em 1933 como órgão de

regulamentação, supervisão e fiscalização do exercício profissional e técnico através dos Conselhos Regionais de Engenharia e Arquitetura (Creas), que hoje abrangem também geólogos e geógrafos e já não mais os arquitetos.

Em 1938, Pedro Rache ingressou no Banco do Brasil como diretor da Carteira de Comércio Bancário, tendo ali criado o Departamento de Engenharia e institucionalizado a carreira de engenheiro no banco. Exerceu essa função até 1950. Em 1938 apresentou o *Relatório sobre o problema siderúrgico nacional* ao Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda, do qual foi conselheiro. O relatório chama a atenção para a necessidade de resolver com urgência o principal problema da siderurgia nacional, que precisava vencer as dificuldades do transporte do minério, o que traria enormes benefícios à economia nacional. Ainda nos anos 1930 participou da luta contra a Itabira Iron Ore Company, empreendimento do polêmico empresário norte-americano Percival Farquhar, que terminou com a criação da estatal Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), hoje Vale S.A., por Getúlio Vargas, em 1942. Como diretor do Banco do Brasil, participou do grupo fundador da Acesita, em 1944 (hoje Arcelor-Mittal), localizada em Timóteo, no vale do Rio Doce, junto com Amyntas Jacques de Moraes, Percival Farquhar e Athos de Lemos Rache. Além de grande estudioso da siderurgia, era um entusiasta e defensor da aviação nacional.

O último cargo de Pedro Rache no serviço público foi o de representante do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU) nos anos 1949/50. A Federação das Associações dos Engenheiros de Minas do Brasil (Faemi) instituiu, em sua homenagem, o dia 10 de julho, data de seu aniversário, como Dia do Engenheiro de Minas.

## Escritor e memorialista

Pedro Rache foi também um profícuo escritor, sobretudo de livros técnicos e manuais acadêmicos.<sup>13</sup> Escreveu



Primeira sede da Escola de Minas de Ouro Preto em 1876. Desenho de Jean Luciano a partir de original de José Washt Rodrigues (1891-1957). In: LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Goceix: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. Ouro Preto: Fundação Goceix, 1977.

ainda alguns livros de memórias, relatando seus encontros com homens públicos mineiros. O primeiro a vir à luz foi *Homens de Minas* (1947), prefaciado por Afonso Penna Junior.<sup>14</sup> Trata essencialmente de lembranças de encontros com o então presidente do Estado de Minas, João Pinheiro (1906-1908), ao qual se reportava como engenheiro do Serviço Federal de Povoamento. Depois de uma espera tediosa para ser recebido por ele, pela primeira vez, a partir daí a admiração de Pedro Rache pelo presidente aumentou a cada dia. As prioridades do governo de João Pinheiro eram educação e agricultura, aí incluindo a fixação de colonos. Um desses projetos era a colônia agrícola "João Pinheiro", um estabelecimento de âmbito federal criado em 1908 no município de Sete Lagoas (em área hoje pertencente ao município de Funilândia). Pedro Rache era o engenheiro responsável pela criação da infraestrutura, incluindo a construção

de casas para os colonos. Com o decorrer do tempo, cerca de 320 famílias europeias se fixaram ali, sendo a grande maioria formada de alemães e austríacos. Os colonos alemães chamaram a colônia de *Pinienwald* (pinhal). Rache relata no livro ainda outros episódios do seu relacionamento com João Pinheiro, pelo qual cultivou profundo respeito. A convivência com João Pinheiro, no entanto, seria de curta duração, pois foi encerrada pela morte precoce do presidente, com 48 anos incompletos, em outubro de 1908.

Livro semelhante, até no título, de sua autoria, é *Outros homens de Minas* (1948), com prefácio de Assis Chateaubriand.<sup>15</sup> O próprio autor diz sobre essa obra: "Este livro despretensioso e singelo representa no fundo uma homenagem ao Estado de Minas [...] É simples registro de acontecimentos [...] que exprimem pelo

conteúdo de nobreza valiosa síntese do caráter mineiro e revelam extraordinárias personalidades que constituem verdadeiros marcos de gloriosa tradição”. Esses “simples registros” realçam os traços característicos dos governantes mineiros desde a época de Bias Fortes, quando a sede do governo ainda era em Ouro Preto, até a década de 1940, passando em revista ilustres mineiros, tais como Julio Bueno Brandão, Wenceslau Brás, Silviano Brandão, Antonio Carlos, Olegário Maciel, Pedro Aleixo e Benedito Valadares.

### Vida de estudante

O terceiro livro de memórias de Pedro Rache, *Homens de Ouro Preto* (1954), é sua última obra literária.<sup>16</sup> Já o subtítulo, “Memórias de um estudante”, indica que se trata de memórias que remetem a seu tempo na Escola de Minas no final do século XIX e escritas passadas mais de cinco décadas. Relata episódios da vida acadêmica, relembando professores e alunos, a vida e os colegas da república dos gaúchos. Como o autor frisa na introdução, não pretendia apresentar biografias minuciosas, nem uma avaliação do valor científico de seus professores. São “simples, doces e suaves recordações, impregnadas de saudade desses mestres, a quem tanto venero e a quem tanto devo. Afinal este trabalho não é mais do que insuspeito depoimento, ditado pela consciência de um aluno agradecido”.

Entre os professores, merece destaque o então diretor da escola, Arquias Medrado, contratado em 1876 por Gorceix e de quem era fiel auxiliar. Rache nutria uma grande admiração por ele. Outros professores que surgem nas lembranças do autor são Augusto Barbosa da Silva, professor de Química e Metalurgia; Domingos Porto, matemático e professor de Geometria Descritiva, com quem Rache manteve ainda contato quando ele mesmo já era professor em Belo Horizonte; Francisco de Paula Rocha Lagoa, professor de Arquitetura e Materiais de

Construção, que posteriormente ocupou cargos no serviço público do Estado e se tornou senador; Domingos da Silva Rocha, apelidado de Dr. Rochinha, professor de Estradas de Ferro, Pontes e Viadutos; Francisco van Erven, professor de Mecânica Aplicada, Hidráulica, Termodinâmica, Portos e Navegação Fluvial; Marciano Ribeiro, professor de Geometria Analítica e Cálculo Infinitesimal; Carlos Tomaz de Magalhães Gomes, professor de Química Analítica; e Leônidas Damásio Botelho, professor de Ciências Naturais. Na Escola de Farmácia eram seus professores o farmacêutico Jovelino Mineiro e os médicos João Veloso e Gomes Freire de Andrade. Os professores são apresentados não como os cientistas que eram, mas com seus traços humanos, uns mais abertos e joviais com os estudantes, outros mais fechados, porém todos severos nas suas atividades acadêmicas.

Outra parte do livro é dedicada às recordações dos colegas dos bancos escolares, em especial os amigos da república. Em fins do século XIX, a colônia dos gaúchos de Ouro Preto contava com muitos estudantes que frequentavam uma das três escolas superiores, ou ainda os cursos preparatórios. Eram bem-vistos pela sociedade local, alguns deles se integraram tão bem que chegaram até a se casar com moças ouro-pretanas, entre eles Pedro Rache, que se casou com Maria Cândida Cabral (D. Yayá), com a qual teve 17 filhos.

O clima amigável entre os gaúchos e os moradores da cidade mudou repentinamente com um triste acontecimento em maio de 1897, quando uma briga entre um dos irmãos Vargas e um estudante de Direito de São Paulo terminou na morte desse último. Os envolvidos se esconderam da polícia, porém todos os gaúchos passaram a ser vistos com desconfiança.

Os textos dos livros de memórias de Pedro Rache são de leitura agradável e deliciosa, mais ainda quando relata suas trapaças e estratégias para se dar bem nas arguições das provas orais.

**RESUMO** | O título *Homens de Ouro Preto, memórias de um estudante*, do engenheiro Pedro Rache, já deixa antever a ligação do autor com uma das mais tradicionais instituições de ensino superior do país, a Escola de Minas de Ouro Preto. O jovem Pedro Rache chegou aquela cidade por um acaso: na época de escolher a sua faculdade grassava no Rio de Janeiro a febre amarela, por isso optou por Ouro Preto. Rache frequentou a Escola de Minas no final do século XIX, já no período republicano e na época pós-Gorceix. Como o autor frisa no seu prefácio, trata-se de uma homenagem que faz aos seus mestres, não pretendendo ser o biógrafo deles. O subtítulo esclarece que são memórias de um estudante, lembrando com certo saudosismo não só os antigos professores, como também alguns dos seus colegas da Escola, especialmente da república dos gaúchos, entre eles o futuro presidente Vargas. Conta também de suas artimanhas para enganar os professores na hora dos exames, que eram orais.

**ABSTRACT** | The title *Men of Ouro Preto, memories of a student*, by the engineer Pedro Rache, serves well to link the author with one of the most traditional institutions of university level education, that of the Mining School of Ouro Preto. The young Pedro Rache arrived at the town by chance, for at the time he was selecting where to study Rio de Janeiro was struck by yellow fever and he therefore opted for Ouro Preto. Rache frequented the Mining School at the end of the nineteenth century, when Brazil was already a republic and post-Gorceix, the school's founder. As the author emphasizes in his preface, he is paying homage to his past teachers without attempting a biography. The subtitle clarifies that they are memories of a student, remembering with a certain nostalgia not only those professors but also some of his fellow students at the college, especially of the fraternity of *gaúchos*, that is, those from Rio Grande do Sul, among them the future president Vargas. He tells also of his stratagems to deceive his professors during the exams, which were oral. [Versão para o inglês de Peter Hargreaves.]

### Notas

1. A Escola Politécnica de São Paulo foi criada em 1893 e a Escola de Engenharia de Porto Alegre somente em 1896, enquanto a Escola Politécnica do Rio de Janeiro surgiu em 1874, como sucessora da Escola Central.
2. RACIOPPI, Vicente. *Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto*. Belo Horizonte: Typographia Castro, 1940. p. 23.
3. DOM PEDRO II (1881). Diário da viagem a Minas. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 18, p. 67-118, 1957. p. 77-78.
4. Claude Henri Gorceix (1842-1919), bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Normal Superior de Paris, aceitou, em 1874, o convite de D. Pedro II para fundar uma escola de minas no Brasil, que escolheu localizar em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais. Além de fundador da Escola de Minas e seu primeiro diretor, Gorceix foi professor de Mineralogia, Geologia, Física e Química, exonerando-se de seus cargos, a pedido, em 14 de outubro de 1891. A seguir, retornou à França e, em 1896, voltou ao Brasil, a convite do Governo de Minas, a fim de organizar o Ensino Agrícola no Estado.
5. COUTO, José Vieira. *Memória sobre a capitania de Minas Gerais*: seu território, clima e produções metálicas. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994. p. 68.
6. AZEREDO Coutinho, José Joaquim da Cunha. *Discurso sobre o estado atual das minas do Brasil*. Lisboa: Imprensa Régia, 1804, reproduzido em idem: *Obras econômicas de J.J. da Cunha Azeredo Coutinho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. p. 187-229.
7. *Memória sobre um novo sistema de mineração no Brasil*. [atribuído a Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá] in: Códice 807 do Arquivo

Nacional, Rio de Janeiro, reproduzido em: FIGUEROA, Sílvia Fernanda de Mendonça. Ciência – Mineralogia, Mineração. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ano 163, n. 416, p. 325-348.

8. ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto brasiliensis*. Berlin: Reimer, 1833p. Tradução brasileira de Domicio de Figueiredo Murta: *Pluto brasiliensis*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. 2 v.

9. LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix*: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto. Ouro Preto: Fundação Gorceix, 1977. p. 30 et seq.

10. CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto*: o peso da glória. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

11. DEQUECH, David. *Isto dantes em Ouro Preto*. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora Ltda., 1984. p. 66 et seq.

12. RACIOPPI. *Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto*, p. 67.

13. Alguns de seus títulos mais conhecidos são: *Lições de Mecânica Geral*, 3 volumes (1929); *Relatividade e sua aplicação ao estudo dos fenômenos físicos, precedida dos elementos indispensáveis de Matemática* (1932); *Evolução econômica e financeira do Brasil* (1935); *Economia e moeda do Brasil* (1936); *Criação da grande siderurgia nacional e exportação de minério de ferro em grande escala: relatório final e conclusões* (1938); *Asas do Brasil* (1942); *Plano de economia de guerra do governo da República* (1942); *Método para determinação do preço de venda do carvão nacional* (1943); *O problema social e econômico do Brasil* (1946); *Democracia e matemática* (1949); *Deus e amor à pátria* (1949), este sobre filosofia.

14. RACHE, Pedro. *Homens de Minas*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1947.

15. RACHE, Pedro. *Outros homens de Minas*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1948.

16. RACHE, Pedro. *Homens de Ouro Preto*: memórias de um estudante. Rio de Janeiro: Ed. A. Coelho Branco Fo, 1954.

**Friedrich Ewald Renger** é geólogo, professor associado aposentado do Departamento de Geologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tradutor e editor de livros de viajantes de língua alemã no Brasil, na *Coleção Mineiriana*, da Fundação João Pinheiro. É coautor de *Cartografia da Conquista das Minas* (Kapa Editorial e Editora UFMG).